Individualização – um dos factores de estímulo da violência doméstica

Sou um sociólogo abolicionista: trabalho para ajudar a filosofia social a transformar-se em ciência do social, numa amplificação pós-cartesiana da ciência; quando testemunho uma injustiça, que seja apenas presumida, em vez de me esquecer disso procuro tomar mais atenção para saber como será possível abolir as condições sociais que tornam essa injustiça recorrente.

A violência é um fenómeno espontâneo na vida e toma duas direcções privilegiadas complementares: a incorporação e a excorporação. A redução ao corpo (da vítima) e o uso do corpo (incluindo a mente) para fazer vítimas (por parte do agressor).

A vida doméstica é resultado do processo de individualização moderno, que inclui a democratização das práticas paternalistas das domos romanas em casais modernos. Ideal e imaginariamente a relação dos casais decorre e mantém-se por amor-paixão, que é partilhado e continuado com os filhos do casal. A unicidade da relação familiar legítima, cuja alternativa é a temida institucionalização, que pode acontecer sobretudo a crianças e velhos, é actualmente contestada por movimentos LGBTI. Infelizmente, a crítica do individualismo e da unicidade da forma de casal não são a prioridade destes movimentos: sugestionados pelas ciências sociais, preferem lutar pela integração social.

A individualização oferece o direito de privacidade, de não incomodado/a, contra o dever de contribuição “voluntária” para a edificação da sociedade moderna, contra todo e qualquer outro tipo de sociedade, como a dos ciganos, as dos africanos, a dos ameríndios, etc.. A individualização é a democratização consumista do estatuto raro e extraordinário de uma pessoa poder ter a capacidade de impor os cuidados de si a outrem, escravos, criados, mulheres. A imagem que a modernidade desenvolveu para descrever os indivíduos, em oposição aos humanos, é de alguém que nasce não se sabe onde nem como mas está disponível para ocupar um dos lugares disponíveis na sociedade, com os sacrifícios que forem necessários fazer. A sociedade moderna, deste ponto de vista, é uma construção extra-natural feita por indivíduos e dificultada pelas pessoas que não aceitam tornar-se indivíduos ou, estando dispostas a transformar-se em indivíduos, a sociedade não tem préstimo para elas.

A individualização é uma traição à pessoa e à família de origem. Não é uma traição intencional e premeditada: é uma traição organizada socialmente, a começar pela própria família de origem que tem interesse em ver-se livre dos seus filhos para poder ser melhor individuo, isto é, mais forte contribuinte da sociedade moderna e, desse modo, assegurar a velhice.

Nada surpreendentemente mas irracionalmente as pessoas batem-se para conseguir uma reforma razoável e uma vez na reforma compreendem que os indivíduos em que se tornaram, pessoas isoladas das outras ao serviço que quem paga, esvaziou emoções, sentimentos, desejos, oportunidades de satisfação. E, ainda assim, não se atrevem a avisar os mais novos do logros da individualização: não os querem incomodar e, sobretudo, não querem que lhes perguntem o que fizeram das suas vidas singulares.

A violência doméstica é uma reacção natural contra o abuso que é a unicidade totalitária do modo casal, dirigida contra a pessoa que sugere e suscita a concretização do ideal individualistas de trair a família de origem. É também a expressão da incorporação da discriminação contra todos os que não são os nossos: todos os que são de sociedades não modernas, sociedades como aquelas famílias dos seus namorados/as. Tal como os nazis fazem política batendo nos estranhos, assim os namorados/as que se preparam ou já se encontram a viver com estranhos batem para sacudir a irracionalidade da racionalidade moderna, enterrando-se cada vez mais nela, incapazes de ver a modernidade da violência doméstica.

Imagino que sempre terá havido violência entre pessoas que convivem diariamente. As histórias modernas, nomeadamente as que valorizam o amor por contraste com os casamentos arranjados, remetem a violência toda para as práticas tradicionais. Creio que é redutor e discriminatória.